

A VOLTA DA TURBULÊNCIA**ENTREVISTA****Satyajit Das**, economista, autor do best-seller 'Traders, Guns & Money'**'Guerra cambial será mais**

Para indiano, Brasil terá de adotar medidas adicionais de controle de capital e de estímulo à economia doméstica

Fábio Alves

Se o ministro da Fazenda, Guido Mantega, chamou de guerra cambial as ações dos governos mundiais que culminaram com um real sobrevalorizado, o que se verá no curto prazo será uma conflagração bem mais sangrenta, feroz e de custos elevados para os países exportadores de commodities, como o Brasil.

O alerta é do indiano Satyajit Das, 53 anos, autor de *Traders, Guns & Money*, o best-seller que elucidou os bastidores do mundo dos derivativos, muitos dos quais deram origem à bolha de

crédito nos EUA. Das trabalhou por mais de 33 anos em grandes instituições financeiras internacionais, entre elas a Merrill Lynch e o Citicorp (antes da fusão com o Travelers Group, tornando-se Citigroup).

Na opinião de Das, o acirramento da guerra cambial virá dos EUA, por meio da desvalorização do dólar. E a desaceleração da maior economia global deve acabar com o "milagre" do Brics, grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e, agora, também a África do Sul.

A seguir, trechos da entrevista concedida à *Agência Estado*.

● **Qual será o impacto sobre o Brasil de uma desaceleração econômica forte nos EUA e Europa?**
O milagre dos Brics está chegando ao fim. O que as pessoas esquecem é que os Brics se beneficiaram do crescimento mundial

para elevar suas exportações. Embora o Brasil tenha um mercado doméstico bem mais desenvolvido do que outros Brics, o País ainda depende muito do capital estrangeiro. A escassez do capital estrangeiro e a falta do crescimento das exportações por causa da desaceleração mundial vai afetar todos os Brics, embora de forma diferente. O Brasil, por sua vez, se beneficiou da injeção de liquidez em razão dos gastos orçamentários nos EUA nos últimos anos, mas isso também teve um lado nocivo: a baixa taxa de juros americana traduziu-se em pressões no câmbio e mais inflação. E os EUA vão sair dessa situação via desvalorização do dólar. E, se o seu ministro da Fazenda (Guido Mantega) já falou em guerra cambial, ele não viu nada: o que aconteceu foi apenas um prelúdio. Não chegamos ao

primeiro ato dessa ópera. Vai acontecer ainda uma guerra cambial e comercial feroz. Será cada país por si.

● **Há como o Brasil evitar isso?**

Não, porque vocês são uma nação exportadora muito grande. Sua economia foi desenhada ao redor do negócio de exportação de commodities, e vai crescer mais ainda como exportadora quando os campos de petróleo do pré-sal, como o Tupi, entram em operação.

● **E o real, que muitos dizem estar até 40% sobrevalorizado, continuará se valorizando?**

Sim, absolutamente. O real vai continuar se fortalecendo porque não tem nada a ver com o real, e sim com a fraqueza do dólar. O Brasil mantém taxas de juros elevadas e o Federal Reserve (Fed) permanece injetan-

sangrenta'

do dinheiro no sistema financeiro para manter o dólar desvalorizado pois é a única forma de os EUA pagarem sua dívida.

● **O Brasil tem sido agressivo no controle de capital estrangeiro. Isso deve ser reforçado?**

Lógico, especialmente o de curto prazo. Nesse cenário que descrevo, os países precisam de controle de capital, de desenvolver a economia doméstica e de se certificar de que o envolvimento do capital estrangeiro seja bem controlado, pois o capital estrangeiro pode ser muito perigoso neste momento.

● **Os EUA resvalaram novamente para uma recessão?**

Se os EUA estão ou não na chamada recessão técnica, ou seja, dois trimestres seguidos de desempenho econômico abaixo de zero, não quer dizer nada. O

que está em jogo é o seguinte: se quisermos sair dessa situação de superendividamento mundial, é preciso um crescimento econômico forte e também de inflação, os quais não existem (nos países desenvolvidos).

● **Foi o rebaixamento da nota de risco soberano dos EUA pela S&P que provocou turbulência no mercado financeiro mundial?**

A queda forte nos mercados não tem nada a ver com a S&P e o rebaixamento dos EUA. O fato é que as pessoas estão acordando para o fato de que o mundo tem muita dívida e desde a crise financeira de 2008 não foi feito nada para diminuí-la. O que os reguladores e as autoridades econômicas mundiais fizeram foi pôr "band-aid" num ferimento feito por bala de revólver. Eles injetaram mais dinheiro no sistema.